

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"Não há, no combate regras de jogo. Toda formula absoluta, toda teoria rígida num campo é perniciosa. Para a guerra, não pode existir doutrina imutável. Todo raciocínio baseado em princípios, só conduz ao erro. Somente o método é capaz de dar a situação dos problemas infinitamente variados que a guerra apresenta, porque somente êle considera com exatidão os fatos, as situações e os meios. Procurai raciocinar e agir com método".

Col. **PERRIER DE LA BATHIE**

"A boa disciplina do Exército demanda bons quartéis, campos de instrução e de manobras; requer que os chefes, os generais e os oficiais convivam com os soldados".

Gen. **OSÓRIO**

"Não bata extinguir o corpo de bombeiros para evitar incêndios e a polícia para evitar crimes, como tão pouco desarmar o Exército para evitar que outras nações se avantejem sobre nós".

Gen. **MAC ARTHUR**

A Cavalaria sob o ponto de vista de sua organização, emprêgo e preparo

Pelo Gen. **JOÃO TEODURETO BARBOSA**
Cmt. da 3.^a Div de Cavalaria

I

INTRODUÇÃO

Tôdas as guerras de vulto, pelo aproveitamento e introdução de instrumentos novos no seu aparelhamento, têm exercido influência decisiva e repercutido fundamentalmente na fisionomia dos Exércitos, realmente mantidos para a defesa de seus países.

Não há, por essa razão, instituição militar digna dêsse nome, que não tenha transformado sua feição aparente, embora a estrutura, e a verdadeira armadura em que se estratifica a Defesa das Nações, permaneçam quasi intáctas à ação renovadora.

Não é oportuno, nem cabe aos limites acanhados destas apreciações, o exame completo desses dois aspectos distintos das organizações militares, os quais vêm sendo registados, sem quebra de continuidade, pela História, após o desfecho de cada conflito mundial.

É evidente, porém, que a essência dessa diferenciação repousa em fatores próprios e específicos, pois, enquanto os equipamentos dos Exércitos decidem dos processos de combate e influem nos contornos de sua organização, os princípios da Arte da Guerra conservam-se imutáveis, exercendo sobre o arcabouço da segurança de cada país, um influxo que não tem variado, sinão na expansão e revigoração da ação conjunta das forças do Ar, de Terra e do Mar.

Infere-se destas afirmações, que não é a natureza do material empregado pelas corporações militares, que repercute na sua repartição e constituição própria, tanto assim que, no último quarto de século, alianças de numerosas nações, sob as mais típicas organizações, alcançaram as vitórias mais retumbantes. Eram, antes, o respeito às tradições históricas, a ânsia de conservar a liberdade e a consciência de nacionalidade desses povos, que lhes despertavam a capacidade bélica, refletida no poder armado peculiar a cada um e lhes infundia a confiança e o patriotismo inquebrantáveis.

O mesmo já se não pode avançar, quanto á diversificação das Armas, em que o material utilizado tem um domínio soberano. À medida que os conflitos avançam com os dias da era contemporânea, mais sensíveis e acentuadas são as transformações que elas experimentam, perdendo, até, quase ao desconhecimento completo, a índole própria e inerente a cada uma, sem contudo se despojarem — o que é singular — de suas características peculiares.

Sob os efeitos do emprêgo de um material, cada dia mais arrazador, os combatentes vão-se adaptando ás circunstâncias, seja acionando meios mais eficazes ao ataque e á defesa, ou recorrendo a transportes mais rápidos, e que lhes assegure melhor mobilidade, em benefício da surpresa, que é quase tudo na guerra.

Essa capacidade de ajustamento ás injunções do campo de batalha, verdadeiro e perfeito mimetismo a que o combatente fica adstrito, ericando-o dos mais complicados instrumentos técnico-científicos, transforma-o num ouriço agressivo, que pode sobreviver por mais surpreendentes que sejam as contingências do combate.

Em substâncias, mas, em es-
cais, mas, em es-
adversário e cor-
mesma, embora
novação dos pet-

Assim, o qu-
te, que é a unid-
glomerados em o-
imposições dom-
Mais para aciona-
para fugir aos m-
cessidade de mo-
bate para enfrent-
a essas transform-
ficuldades que se-

Tôdas elas v-
no aspecto de con-
nhuma, inclusive
alternativas, abdic-

A Cavalaria, a-
dores de certos m-
suas formações, q-
te, ela, como suas i-
rapidez apreciável-
dispensáveis ao ata-
essenciais, ela esp-
sários à continuidade
precisa de uma org-
mento desse mater-
mais numeroso.

Se lhe dermos
carmos o espírito d-
e capazes de compr-
em vista a complex-
mos dúvida, a Cava-
gativas tradicionais
to combatente, em t-

Tôdas as Arma-
cas e ninguém pode
vulneráveis à Aviaçã-
rente à Cavalaria.

Admitido como
vem sob um céu lim-

Em substância, as mudanças têm sido para êle quase radicais, mas, em essência, a luta travada para o aniquilamento do adversário e conquista do terreno disputado, continúa quase a mesma, embora os processos não cessem de variar, devido à renovação dos petrechos empregados.

Assim, o que se constata individualmente com o combatente, que é a unidade, verifica-se com as Armas, que são os conglomerados em que êles agem associados, segundo às mesmas posições dominantes dos modernos teatros de operações. Mais para acionar o material de que são dotados, do que mesmo para fugir aos meios de agressão do inimigo, elas têm tido necessidade de modificar constantemente seus processos de combate para enfrentar vantajosamente a luta e poder sobrepôr-se a essas transformações, persistindo, a despeito de tôdas as dificuldades que se lhes deparam.

Tôdas elas vão experimentando modificações substanciais, no aspecto de conjunto do seu apetrechamento bélico, mas, nenhuma, inclusive a Engenharia que tem sofrido as mais fortes alternativas, abdicam das prerrogativas, de Arma Combatente.

A Cavalaria, é obvio, não podia escapar aos efeitos arrazadores de certos materiais. Sem desprezar a vulnerabilidade de suas formações, que sua mobilidade pode atenuar sensivelmente, ela, como suas irmãs, possui ainda a capacidade de levar, com rapidez apreciável, até o ponto desejado, todos os recursos indispensáveis ao ataque ou à defesa. A despeito desses atributos essenciais, ela espera ser dotada dos recursos orgânicos necessários à continuidade de sua atuação nos teatros de operações, e precisa de uma organização mais flexível, adequada ao acionamento desse material, que será, certamente, pesado e cada vês mais numeroso.

Se lhe dermos essas duas condições indispensáveis e vivificarmos o espirito dos Quadros que a servem, tornando-os áptos e capazes de compreender o desempenho de suas funções, tendo em vista a complexidade orgânica da Arma, então, não tenhamos dúvida, a Cavalaria não perderá nenhuma de suas prerrogativas tradicionais e afirmará sua sobrevivência, como elemento combatente, em todos os teatros de operações.

Tôdas as Armas vão experimentando modificações idênticas e ninguém poderá contestar o quanto elas se vão tornando vulneráveis à Aviação, sem, em troca, dispôr da mobilidade inerente à Cavalaria.

Admitido como argumento pacífico, que os combates se travem sob um céu limpo da Aviação inimiga ou com fraca obser-

vação aéro-terrestre, como sóe acontecer atualmente, há, ainda, para a tradicional Arma de OSORIO, um campo de ação em que poderá praticar façanhas análogas à dos seus tempos heróicos, se for conscientemente preparada e bem empregada.

Conceituado mestre de tática de Cavalaria, da Escola Superior de Paris, o General RENÉ ALTMAYER, afirmou, com grande acêrto e sabedoria, que as armas antes de serem caracterizadas pelos seus processos de combate, são definidas pelas missões que terão de cumprir no Campo de Batalha. Essa expressão encerra, para os Cavalarianos, um mundo de ensinamentos e deve levá-los à meditação, para que se não entreguem a um desânimo inexplicável e debilitante, em vez de soerguerem sua Arma e reivindicarem para ela, o lugar que sempre lhe coube no conjunto das Armas nacionais.

O que se depreende, pela lógica cartesiana do conceito lapidar do mestre francês, é que, se perduram as missões clássicas da Cavalaria — reconhecer, cobrir e combater em ligação com as outras armas — ela ainda existe, e, então, têm de preparar-se para cumprir as missões, que só a ela devem ser atribuídas...

Este raciocínio nos traz ao ponto sensível da questão, que consiste em saber como organizá-lo, a fim de que possa preparar-se para o desempenho cabal de seu papel.

Antes de mais nada, o que lhe importa, para cumprir essas missões, é levar ao ponto desejado e em tempo útil, o material de que dispõe para agir, a despeito da ação contrária do inimigo. Para isso, ela deve ser dotada de todos os meios orgânicos necessários, em condições de lhe dar capacidade operativa, independente dos reforços com que eventualmente deva contar, em circunstâncias particulares.

Essa foi a tendência das organizações da Cavalaria dos grandes Exércitos, e á qual não podemos fugir. Ao contrário, devemos adotá-los, imprimindo-lhe um cunho mais acentuado de pujança, em detrimento mesmo da velocidade, quer recorrendo ao aumento de sua potência de fôgo e de armas anti-carro mais eficazes e numerosas, quer pela motorização dos seus serviços, para compensar a perda de mobilidade que a nova feição lhe acarretará, mas não pode ser desprezada.

A par dessa Cavalaria potentemente constituída devemos possuir a Cavalaria blindada, como seu complemento e como garantia de que suas missões, quaisquer que sejam as contingências do campo de Batalha, ou o equipamento que o inimigo lhe

depare, serão cu
em cooperação c

Chegaremos
nos elementos d
ramente hipo-mó
justapostos, com
exploração obtve
pense na perman

Essas combi
guerra, notadame
obstante, motivad

A ORGANIZ

Examinemos

Esta questão
tocados, sinão cor
rir com a ética m

Temos de pis
lise serena e sem e
e nem sempre pro

Nos últimos
amudado as nossa

encontra similitud
de uniformes. Alg

garam a transpirar
ponto foi útil, por
aparelhamento de

Com exceção
HERMES DA FO

cito às nossas fôrç
de que são em gran
tra, mais rara com

revestido quase sem
o mais prejudicial c
muito do gôsto de a

A Cavalaria, an
sofrido atrocmente
espera, agora, porém
vigore o espirito, tor
dicionais.

depare, serão cumpridas, em benefício dos grossos amigos, ou em cooperação com eles.

Chegaremos assim, à composição dos verdadeiros e modernos elementos de Cavalaria, que tanto poderão permanecer puramente hipo-móveis, como exclusivamente blindados, ou ainda justapostos, com a aplicação do combinado cavalo-motor, cuja exploração obteve resultados tão eficientes que justificam se pense na permanência do seu emprêgo.

Essas combinações, tôdas elas experimentadas na última guerra, notadamente no teatro de operações europeu, têm, nada obstante, motivado veementes debates nos meios militares.

II

A ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA BRASILEIRA

Examinemos agora a organização da Cavalaria no Brasil.

Esta questão é delicada e tem melindres que não podem ser tocados, sinão com grande tato e precaução, para não interferir com a ética militar.

Temos de pisar, é certo, o terreno da crítica, mas, em análise serena e sem enveredar pelo caminho da censura, que irrita e nem sempre produz frutos compensadores.

Nos últimos decênios, sob várias denominações, têm-se amiúddado as nossas reorganizações militares, num ritmo que só encontra similitude, nas constantes e intermináveis mudanças de uniformes. Algumas, tiveram vida tão efêmera, que não chegaram a transpirar do papel que as continha, o que até certo ponto foi útil, porque não afetaram, nem comprometeram, o aparelhamento de nossa defesa.

Com exceção da organização empreendida pelo Marechal HERMES DA FONSECA, que deu realmente forma de Exército às nossas forças militares de terra e dotou-as do material de que são em grande parte, ainda armadas hoje, e uma ou outra, mais rara com êsse caráter, as nossas reorganizações se têm revestido quase sempre de cunho essencialmente político, que é o mais prejudicial de todos os critérios a escolher, embora seja muito do gôsto de alguns dos seus aproveitadores.

A Cavalaria, arma difícil de organizar e de manter, tem sofrido atrozmente as consequências dessas vacilações e ainda espera, agora, porém, confiadamente, um dispositivo que lhe revigore o espirito, tornando-a capaz de cumprir suas missões tradicionais.

Sem aumentar sensivelmente o arcabouço, já existente, dessa Arma, poder-se-ia dar-lhe feição muito mais eficiente, acrescentando-a dos morteiros leves e pesados, de tôdas as armas necessárias à defesa contra-carro e anti-aérea e alguns canhões orgânicos, leves e de pequeno alcance. Em troca, para dar-lhe flexibilidade e atenuar a possível perda de parte da sua mobilidade, dever-se-ia imprimir-lhe nova fisionomia, reduzindo os regimentos a três Esqs. Fuz. e êstes a 3 Pels. Em compensação as D.C. teriam 3 Bdas., estas passariam a 3 Regimentos, criando-se uma quarta D.C. sem retirar os Regimentos das D.I., os quais passariam a ser mistos, com a incorporação dos Grupos de Reconhecimento.

Ficariamos também integrados na ordem ternária, como vamos vêr :

Presentemente possuímos :

3 D.C. a 2 Bda. C. a 2 Reg. a 4 Esq.	= 48 Esq. Fuz.
1 Bda. C. Mista (M. Grosso) a 2 Reg. a 4 Esq.	= 8 " "
5 R. C. de D. I. a 4 Esq.	= 20 " "
R.A.N. a 4 Esq. (ou equivalentes) ,.....	= 4 " "
15 R.C. a 4 Esq.	= 4 " "
<hr/>	
21 Reg. a 4 Esq. Fuz.	= 84 Esq. Fuz.

Todos os Regimentos passando a 3 Esq. Fuz. e os Esq. a 3 Pel. ficariamos : $84 + 28 = 112$ Esq. correspondendo a última parcela aos 28 Pel. obtidos com a redução dos Esq. a 3 Pel..

Para a organização proposta, precisamos :

3 D.C. x 3 Bda. C. x 3 Reg. x 3 Esq.	= 81 Esq. Fuz.
Bda. C. Mista x 2 Reg. x 3 Esq. X	= 6 " "
5 R.C. D.I.	= 15 " "
R. A. N.	= 3 " "
15 R. C.	= 3 " "
<hr/>	
21 R. C.	= 102 Esq. Fuz.

Verifica-se, assim, um excesso de 10 Esq. Fuz. ou sejam mais 3 Regimentos, que reunidos ao R.A.N. e 15 R.C. e a outros elementos economizados dentro dos Regimentos, com a absorção de fatores inúteis, constituiriam o núcleo de formação

da 4.^a D.C. laria. Ao c Grupos de bilidade.

Semelh só lhe acre mentando s meios indis bilidade dos mínimo, um

Além d ganização, c as unidades uma miniatu mais unifor teriais, em c

Há outr ciada. Ao q desapareceu, conheciment

Semelha vel. E' tambê elemento dif ra, como pel

Admitam haja normalm de que ela ex constituída e mecanizada, não só as D. esclareciment disponíveis, p atribuir.

Não se p tuídos sob o de mobilidade Cmts. de C.E está em que é da Cavalaria, carro, de mort junto lhes des

A rapidez gurada por Seq

da 4.^a D.C., sem necessidade de privar-se as D.I. de sua Cavalaria. Ao contrário, ela seria reforçada com a aglutinação dos Grupos de Reconhecimento, dando-lhe maior potência e mobilidade.

Semelhante organização revigorará a nossa Cavalaria, não só lhe acrescentando uma potência respeitável de fôgo, como aumentando sua capacidade combativa, tanto pelo suprimento de meios indispensáveis à rapidez de sua ação, quanto pela flexibilidade dos Comandos, o que lhe permitiria acionar, em tempo mínimo, um potencial de considerável importância.

Além dessas vantagens que constituem a essência da sua organização, com ele obteríamos uma feição homogênea, porque as unidades isoladas teriam a ossatura das G.U., de que seriam uma miniatura, e a instrução, além de simplificar-se, poderia ser mais uniformizada e facilitada, pela presença de todos os materiais, em quase tôdas as guarnições da Arma.

Há outra face dêste problema que não pode ser negligenciada. Ao que parece, é certo que a Cavalaria das nossas D.I. desapareceu, praticamente, cedendo o passo aos Grupos de reconhecimento mecanizados.

Semelhante solução não se nos afigura apenas, desaconselhável. E' também perigosa, tanto pela redução injustificável de um elemento difícil de constituir e preparar, sob a pressão da guerra, como pela ausência irreparável de uma Cavalaria de C. Ex..

Admitamos de bom grado, que nas D.I. enquadradas não haja normalmente incumbências para a Cavalaria. Contudo, desde que ela exista, bem apetrechada para as operações modernas, constituída em condições de agir em conjunto, a cavalo e motomecanizada, ou com êstes elementos operando isoladamente, não só as D.I. ficariam dotadas dos órgãos essenciais ao seu esclarecimento e segurança, como haveria, sempre elementos disponíveis, para os quais os C. Ex. tem igualmente missões a atribuir.

Não se pode desdenhar da atuação, que organismos constituídos sob o ângulo de uma poderosa potência de fôgo e grande mobilidade, poderiam ter à frente das D.I., ou na mão dos Cmts. de C. Ex., quando àquelas estivessem em linha. O ponto está em que êsses Regimentos em tudo uma miniatura da G.U. da Cavalaria, possuíssem uma forte dotação de armas contra-carro, de morteiros e até canhões de pequeno alcance, cujo conjunto lhes desse, de fato, um poder ofensivo respeitável.

A rapidez de operações em todos os terrenos lhes seria assegurada por Seções de transmissões dotadas de bom material, por

elementos de Sapadores providos de material adequado, principalmente ferramenta e meios orgânicos para destruição e passagem de rios. O restante seria obra de uma instrução intensiva e avançada, empreendida em campos de instrução dignos deste nome, sob a direção de quadros conscienciosos e que tenham amor ao trabalho.

Unidades arcabouçadas com essa flexibilidade e valor intrínseco, e impregnadas do verdadeiro espírito combativo que deve animar o bom cavalariano, são elementos preciosos em tôdas as situações, como mostraram a cavalaria alemã, enquanto existiu, e a Rússia durante tôda a Guerra.

Para completar o valor de uma estrutura dessa natureza, é preciso voltar as vistas para as Armas que devem integrar o seu poderio: a Artilharia, Engenharia e Transmissões, sem esquecer os órgãos de Serviços que alimentam sua capacidade combativa.

Segundo o nosso compasso de apreciação do problema, as unidades de Cavalaria já devem possuir um escalão orgânico desses meios preciosos, afim de se tirarem, com os seus próprios recursos, das pequenas dificuldades encontradas. Dessarte, o Comando da G. U. teria sempre em mão, elementos potentes, móveis e flexíveis, com que exerceria sua ação no ponto e momento desejados. Mas, para esse mister, é preciso que desde o tempo de paz existam os dois escalões e uma Artilharia potente Hipo e rebocada — assim como uma Engenharia e Transmissões bem aparelhadas e motorizadas, que acompanhem e participem dos repetidos exercícios da Cavalaria, em terreno escolhido e variado.

Por outro lado, os Serviços, tanto dos Corpos de Tropa, como das G. U., precisam ser, a seu turno, igualmente motorizados.

Esse vigoroso arcabouço da Cavalaria deve ser inteirado pelo seu remate natural — as formações blindadas, quer constituindo os elementos orgânicos de suas G. U., quer estruturando das Divisões Blindadas da Reserva Geral, conjunto que pela harmonia de suas características, deve constituir a nossa moderna arma de Cavalaria.

Acostumado às ações profundas, ou em grandes linhas, com flancos abertos, o cavalariano mais de que qualquer outro combatente, possui a mentalidade própria para impelir profundamente os elementos a motor no coração da resistência inimiga e desmantelá-la.

Mas é mis
hipo, fonte da
alma e princip

Essa é um
nização exist

Para que s
indispensável q
sobre a Arte de

Este preceit
cerra lições que
de uma organiza
só existem para
sentidos.

Em face da s
as improvisações
cia, do movimeto
seu papel na guer
da e exercitando
os meios orgânicos
mos, exagerando u

O E

Aparelhada nes
como deve ser emp
dejar-se, em dia que

Seu emprego n
ção da organização
por isso, uma conce
respeitar os ensinam
desenvolvimento dos
gresso incessante do
conhecimentos cientí

Impõe-se para ch
meticuloso, com o esp
do papel desempenha

tre os exércitos de d
Deixaremos de pa
reos em que ela decidi
os intrépidos cavaleir

Mas é mistér que não se abandonem de vez, as formações hipo, fonte das decisões ousadas e seguras, nem o cavalo, sua alma e principal instrumento da formação do cavalheiro.

Essa é uma das faces do problema. A outra é que a organização exista real e materialmente, isto é, tenha vida permanente e essa se exerça em toda sua plenitude.

Para que se tenha uma Cavalaria aguerrida e agressiva, é indispensável que a formemos, segundo o conceito de Napoleão sobre a Arte de Guerra — que ela seja *simples e só de execução*.

Este preceito cuja última parte é geralmente esquecida, encerra lições que não devem ser desprezadas, quando se cogite de uma organização militar qualquer, de vez que os Exércitos só existem para fazer a guerra. *E a guerra é ação em todos os sentidos*.

Em face da significação desses princípios, segundo os quais as improvisações não passam de um crime, a Arma por excelência, do movimento não pode ser improvisada. Para desempenhar seu papel na guerra, ela deve estar permanentemente aparelhada e exercitando nos campos de instrução, ininterruptamente, os meios orgânicos de suas ações normais. E' como se dissessemos, exagerando um tanto — *deve conservar-se em pé de guerra*.

III

O EMPREGO DA CAVALARIA

Aparelhada nesse pé a Cavalaria, é natural que indaguemos como deve ser empregada em um eventual conflito a desencaixar-se, em dia que não poderia ser fixado com segurança.

Seu emprego nessa guerra futura, tanto quanto a elaboração da organização que o visa, tem de ser prescrito a priori. E', por isso, uma concepção ousada e de risco, não só porque deve respeitar os ensinamentos do passado, como condicionar-se ao desenvolvimento dos processos de combate, imposto pelo progresso incessante do aparelhamento militar, influenciado pelos conhecimentos científicos aplicados à guerra.

Impõe-se para chegar a um resultado defensável, um estudo metuculoso, com o espírito desarmado e sem ideia pre-concebida, do papel desempenhado pela Cavalaria, em antigos choques entre os exércitos de duas Nações, ou dois grupos de Nações.

Deixaremos de parte a atuação da Cavalaria, nos tempos áureos em que ela decidia das batalhas, tomando praças fortes com os intrépidos cavaleiros dos Lassales, ou marchetava de novos

lampejos as Águias Napoleônicas, com as façanhas fascinantes dos Murat. Essa época heróica encerrou-se definitivamente, por volta de 1870, nos campos europeus, na batalha de Saint Privat, onde a Cavalaria alemã se bate leoninamente, reparando as falhas de uma estratégia débil e a francesa se cobre de glórias, com a imperecível carga Marguerite, com que, em vão, procurou atenuar o desastre de Bazaine.

Na América, os fatos não se passam de maneira diferente. Com o Gen. Lee, na Guerra de Secessão, ela viveu dias em que floresceram a sua eficiência e potencialidade, ao passo que em Avai, fascinada pela magia de Osório, e depois de Câmara, ela encerra, no pampa Sul Americano, o seu ciclo glorioso e começa a adaptar-se às ações de que temos sido testemunhas, nos últimos tempos.

Aquelas ações, honrosas, sem dúvida, passaram ao nosso patrimônio histórico, bem como de outros povos. O nosso interesse, hoje, sendo mais objetivo e utilitário, volta-se para os dois últimos conflitos mundiais, em que a tática sofre revoluções, que deixaram atônitos quase todos os Exércitos do mundo.

Não é de admirar que a esses acontecimentos e sob a influência inaudita da ação destruidora de um material algo desconhecido, o emprego da Cavalaria experimentasse vacilações e desacertos, que ainda se discutem, sem se vislumbrar uma solução de equilíbrio, que harmonize as opiniões.

Examinando a primeira grande Guerra Mundial (a de 1914-1918), sem descer a detalhes que ultrapassem os limites alcançados deste trabalho, poderemos vêr a atuação da Cavalaria sob três ângulos diferentes.

O primeiro, inerente à campanha da Prússia Oriental, em que apenas se verifica a ação frustrada da excelente Cavalaria Russa, anulando-se até o aniquilamento, nas mãos de chefes, que não souberam tirar dela nenhum partido, senão para reparar as falhas do Comando.

Nessa eventualidade, não poderia escapar ao golpe que feriu seu Exército, naquela frente, deixando de desempenhar o papel, de que se podesse inferir qualquer ensinamento consistente e estável.

O segundo aspéto nos é dado, no teatro ocidental — o principal — pelas duas melhores Cavalarias da Europa, as soberbas e rivais, Cavalarias francesa e alemã.

Ambas apresentam-se em campo com uma preparação, que atingira o apogêo e o máximo refinamento, figurados na legítima expressão da fama, que aureolava os Corpos Sordet e de

Marwitz. Infelizmente, sonhando r...
voco, sonhando r...
cavalgatas que ha...

Nenhum de s...
horizonte dos seu...
ros à lança e a c...
Apesar da evidênc...
as duas Cavalarias...
ção exaltada pelos...
episódios tentam r...

Precedendo os...
as duas admiráveis...
batalha da fronteir...
designação de TOI...

As ideias de q...
a doutrina quanto...
não uma organizaçã...
terial era a mais p...

Equipadas e in...
suas atuações não p...
Enquanto a Cavalari...
procurando o comb...
cooperando na mem...
lhor armada, manob...
a seu respeito se di...

Ao fim da batal...
à altura, para o apre...
vida, ao esmagament...
ção, pelo arrasament...
mente derrotado.

Do lado alemão,
são, cabendo aos C. C...
refa de tapar a brécha...
permitindo-lhe a reti...
darmas, não há dúvid...
por falta de uma Cav...

Posteriormente, r...
outro emprego espor...
necessidade de efetivo...
Exércitos despojaram...
quências para ambos...
campanha, ao se regis...
mada a participar da e...

Marwitz. Infelizmente, porém, alimentavam-se do mesmo equívoco, sonhando reviver nas planícies da Europa Ocidental, as cavalgatas que haviam imortalizado seus antepassados.

Nenhum de seus brilhantes Chefes havia vislumbrado no horizonte dos seus destinos, que os tempos épicos dos entrevêros à lança e a cavalo pertenciam definitivamente à legenda. Apesar da evidência dos fatos e de uma outra fraca advertência, as duas Cavalarias defrontam-se em Charleroi, com a imaginação exaltada pelos carrocéis à moda dos sucessos de 1870, cujos episódios tentam reconstituir.

Precedendo os seus Exércitos, segundo o emprego clássico, as duas admiráveis Cavalarias esgotaram-se prematuramente, na batalha da fronteira, nas ações que passaram a História com a designação de TORNEIO DE CHALEROI.

As ideias de que se achavam impregnadas e que formavam a doutrina quanto ao seu emprego, não podiam empreender senão uma organização defeituosa da Arma, em que a dotação material era a mais pobre e inadequada à guerra que se iniciava.

Equipadas e instruídas de maneira sensivelmente diferente, suas atuações não podiam deixar de ser igualmente, distintas. Enquanto a Cavalaria francesa, agindo mais agressivamente e procurando o combate a arma branca, se aniquilou no Marne, cooperando na memorável retirada, a alemã, mais prudente, melhor armada, manobrava "entre as pernas da infantaria" como a seu respeito se dizia, com desprezo.

Ao fim da batalha, os francezes não tinham uma cavalaria, à altura, para o aproveitamento do êxito, que levaria, sem dúvida, ao esmagamento completo da ala direita do exército alemão, pelo arrazamento do seu poderoso I Exército, francamente derrotado.

Do lado alemão, ela cumpria uma bela, mas ingloriosa missão, cabendo aos C. C. dos Gen. de Marwitz e Rickthofen a tarefa de tapar a brécha aberta pela manobra desastrada de Kluck, permitindo-lhe a retirada sobre Chateau-Thierry, notável feito d'armas, não há dúvida, mas que só chegou a termo com sucesso, por falta de uma Cavalaria ousada, no campo adversário.

Posteriormente, no decorrer da guerra, registou-se um ou outro emprego esporádico, verdadeiramente de cavalaria. Por necessidade de efetivos e de animais em outros mistéres, os dois Exércitos despojaram-se de suas Cavalarias, com graves consequências para ambos, na vitória e nos revêses. Só no fim da campanha, ao se registrar a vitória aliada, a Cavalaria foi chamada a participar da exploração do êxito, mas o ímpeto dos ma-

gníficos C. C. de Féraud e Robillot, impulsioneados pela contra-ofensiva de Mangin, são detidos pelo Armistício, deixando intacto o Exército alemão, cujo espírito tramou e alimentou a 2.^a Conflagração mundial.

Por último, surge à nossa apreciação, o desempenho que no teatro balcânico a cavalaria dá às suas missões.

Fosse a cavalaria alemã habilmente manejada pela perícia do Gen. Mackenzie, ou a excelente tropa de Junot — Gambetta, que cumpriu uma das tarefas mais brilhantes dessa Guerra, nenhuma deixou ensinamentos positivos, que possam ser generalizados como normas de ação correntes à Cavalaria Moderna. Operando em teatros restritos e particularíssimos, fazendo uma guerra de características próprias e especiais, sem embargo dos notáveis episódios ali registados, seria arriscado extrair dessa atuação, preceitos formais para aplicações definitivas.

Pelas mesmas razões, isto é, por se terem processado em teatros típicos e restritos, não apreciaremos às operações de cavalaria de certas regiões, notadamente na Palestina, por que não se prestam, igualmente, a conclusões gerais.

Depreende-se da análise ligeira desses acontecimentos e dos debates que suscitaram, que a Cavalaria entrou na Primeira Grande Guerra sob a influência de ideias preconcebidas, sem um plano judicioso quanto ao seu emprego, nem uma organização flexível, que a tornasse apta a receber os influxos dos processos de combate, que os novos materiais impunham.

Da fixidez desses fatores e de suas consequências resultou a impressão sumária de que era preciso extingui-la, ou então transformá-la totalmente à base de motor. Poucos pensaram sinceramente na sua re-estruturação, tendo em vista os materiais utilizados, e alguns, até, obstinaram-se em mantê-la segundo o padrão 914-918, ou caricatura, como os poloneses.

O fato é que quando irrompeu a esperada Segunda Conflagração Mundial, a Organização da Cavalaria não se havia, ainda, cristalizado em uma forma definitiva, porquanto as opiniões se mantinham vacilantes e variava de país a país a sua fisionomia própria.

O tratado de VERSAILLES impôs a Alemanha uma organização militar de caráter policial. Para 21 regimentos de infantaria havia 18 de Cavalaria, o que condicionou a constituição de um exército em que a proporção entre as divisões era de 7 D. I. para 3 D. C.. Em compensação, à margem do mesmo tratado, foi possível dar à defesa anti-carro e à Aviação, um desen-

volvimento
quina, que

Mais ta
tando o po
Seekt apare
nhã consti
der militar
preendido e
dez, que atir

A caval
do seu copie
mou-se de m
blindadas e
tadear as ve
exércitos da
mentalidade,
seus chefes :
turas moto-m
sado, o desen
tos dispõem d

Foi assoc
contudo, que
preponderânci
ra teve, premi
para aproveita
tarefas vitais.

As famosa
ções subsequen
co que pôs ter

Do lado fr
dar em estrutu
despeito, porém
mestres experin
linhas, que tant

Essa estrutu
presentemente,
te, em face de s
lamento para o
autor a que já n
Cavalaria para a

"Esta Caval
destacamentos à
sobre lagarta. E

volvimento imprevisto e que efoi o embrião da formidável máquina, que depois assolou o mundo.

Mais tarde, burladas as disposições desse tratado e aproveitando o poderoso núcleo de cem mil homens, que o Gen. de Seekt aparelhou e aguerriu de maneira inacreditável, a Alemanha constituiu, à base de motor, o mais agressivo e potente poder militar de que o homem tem conhecimento. Tudo foi compreendido e exercitado, para dar às futuras operações uma rapidez, que atingiu as raias de um verdadeiro misticismo.

A cavalaria alemã beneficiou-se dessa tendência e ao lado do seu copioso e variado material anti-carro, já existente, armou-se de meios pesados e potentes, que aliados às formações blindadas e à Aviação, permitiu ao Exército germânico desenhá-las as vertiginosas operações, com que aniquilou todos os exércitos da Europa. Naquele tempo, essa cavalaria possuía a mentalidade, que pode ser expressa por estas palavras de um dos seus chefes: "Nossa Cavalaria não tem nem Aviação, nem viaturas moto-mecanizadas. Mas é a ela que cumpre, como no passado, o desempenho de missões, para as quais os outros exércitos dispõem de meios mecânicos".

Foi associada a poderosos meios mecânicos e a Aviação, contudo, que ela se apresentou e desempenhou um papel de preponderância marcante, até o dia em que a Direção da Guerra teve, premida por necessidades imperiosas, de dissolvê-la, para aproveitar seus recursos em homens e animais, em outras tarefas vitais.

As famosas formações blindadas substituíram-na nas operações subsequentes mas, todos nós sabemos qual foi o fim trágico que pôs termo aos seus movimentados dias.

Do lado francês, houve, é certo, maior facilidade para moldar em estrutura mais sólida e eficiente, a sua Cavalaria. A despeito, porém, das ensanchas de que dispôs, e dos pareceres de mestres experimentados, o alto Comando organizou-a segundo linhas, que tanto têm de tímidas, quanto de imprecisas.

Essa estrutura tem alguma semelhança com a que adotamos, presentemente, para nossa Cavalaria e sua debilidade é evidente, em face de seu emprego, magistralmente delineado no Regulamento para o Emprego Tático das G.U.. A seu respeito, o autor a que já nos referimos, dizia em 1930, que ela não seria a Cavalaria para a guerra de 1935, e menos para a de 1940.

"Esta Cavalaria terá interesse em utilizar nas Descobertas, destacamentos à base de carros de reconhecimento e elementos sobre lagarta. E' provável que ela constitua seu primeiro esca-

lão com elementos motorizados, apoiados por Artilharia rebocada, esclarecido pelos carros de reconhecimento e moto-ciclistas, reservada a ação de força às Bdas. a cavalo e Artilharia hipomovel.

Dêsse modo assegura mais rapidez na posse dos pontos importantes e mais velocidade de marcha, uma vez que o jôgo da segurança é mais rápido”.

Quanto ao emprego, acrescentava : um Exército possuindo uma pequena Cavalaria não pode pensar em dispersá-la por Divisões isoladas, em frente de seus Exércitos, mas, ao contrário, deve mantê-la nas alas do dispositivo, ou concentrá-la em DIREÇÃO ESTRATÉGICA, que interessem ao alto Comando”.

Na verdade, porém, com exceção do Exército Russo, que organizou sua Cavalaria à base de cavalo e motor, à semelhança alemã, nenhum outro empregou judiciosamente esta Arma.

A polonêsa, mal dosada e mediocremente equipada, sela a sua sorte à do seu Exército, deixando-se heróicamente aniquilar pelas formidáveis formações blindadas de Guderian, Rommel e Reinhardt. Sucumbiu, assim, com a Polônia que, depois de talada e retalhada, nunca mais recuperou sua liberdade e soberania.

Já vimos como a Cavalaria alemã foi dissolvida, para utilizar seus recursos em proveito de finalidades mais prementes, mas, também, é sabido quanta falta ela fez ao Exército germânico, quando começaram os seus dias amargos.

Não teve fim mais brilhante a Cavalaria francesa. A História da derrota da França, ainda não chegou ao seu termo, e é possível que os políticos responsáveis, cubram a verdade com a fumaça da confusão.

Contudo, é corrente a debilidade de sua organização e o emprego discutível que lhe deram. Com efeito, as fronteiras belgo-francesas com a Alemanha, estavam defendidas pela Linha Maginot e as excelentes fortificações belgas das linhas do Canal Albert e Dyle, havendo uma interrupção entre LONGUYON e NAMUR, defendida pela Mosa. Entre esta praça e Wavre existia uma linha completamente seca e sem fortificações que foi entregue ao Corpo de Cavalaria do Gen. Prioux, ao passo que por detraz da Linha Maginot, permaneceram 2 Gr. Exércitos inativos.

Como é sabido, os alemães se desviaram das principais fortificações, atacaram na direção de SEDAM, descarregando contra os Exércitos Belga, Inglês e ala direita francesa compreendendo 3 D.I.M., 7 M. Mot. e 5 D.C. o peso dos seus 2 Grupos

principais
famoso co

As co

mento de

caiu em 2 h

Na Rú

ta a experi

Exército V

ta da sua c

suas tradiçõ

do motor, u

ra sempre g

O Com

passivo, dia

dadas e mac

fica cavaliari

22 de junho

lhes opuzera

minou em T

palmo a pain

Dezembro, Z

tropas fresca

Cavalaria.

Nessa últ

ximo de pen

onde aperava

ordenar a ret

Rússia, transf

gorosa derrot

A falta d

em vão, procu

magnificas D

de efetivos, de

foi uma reafir

equipada e nu

mão de um co

Contudo, f

ísticas peculiar

emprego do bi

bre os alemães

Exército de V

E' pena qu

telado, nos tent

principais de forças, apoiados pelos 4 mil tanques de Kleist, o famoso corpo blindado que havia aniquilado a Polônia.

As consequências desse choque arrasador são do conhecimento de todos e dispensam comentários. A defesa do Mesa caiu em 2 horas.

Na Rússia, os fatos passaram-se de maneira diferente. Feita a experiência da FINLÂNDIA e a partilha da POLÔNIA, o Exército Vermelho não parou de aparelhar-se, ficando à espreita da sua oportunidade. A Cavalaria russa havia recuperado suas tradições cossacas e atingira com a combinação do cavalo e do motor, um grau de eficiência como nunca conhecera, embora sempre gozasse de merecida fama.

O Comando Vermelho não ficara de olhos vendados, nem passivo, diante das ofensivas fulminantes das formações blindadas e maciças alemãs, nem pensou pará-las com a sua magnífica cavalaria. Ao contrário, quando as arrogantes formações, a 22 de junho de 1941, iniciam sua monstruosa ofensiva, os russos lhes opuzeram uma defensiva elástica de 900 Kms., que só terminou em Tula, às portas de Moscou. Enquanto se disputava palmo a palmo o terreno, em operações que duraram até 6 de Dezembro, Zhukov reunia nas florestas da Capital Soviética as tropas frescas dos seus sete Exércitos e seus dois Corpos de Cavalaria.

Nessa última data, quando os alemães tinham atingido o máximo de penetração, caracterizou-se o envolvimento pelas alas, onde aperavam os dois C.C., forçando o celebre Guderian a ordenar a retirada, no dia seguinte. Essa manobra salvou a Rússia, transformando a fulminante ofensiva germânica, na fragorosa derrota, que feriu de morte seu poderoso Exército.

A falta de uma Cavalaria que cobrisse a retirada e que êle, em vão, procurou restabelecer dos destroços de suas antigas e magníficas D.C., importou na perda extensa de um material e de efetivos, de que jamais se recuperou. A Batalha de Moscou foi uma reafirmação do que pode u'a massa de Cavalaria bem equipada e nutrida de um espírito agressivo inquebrantável, na mão de um comando que o empregue judiciosamente.

Contudo, foi a batalha de Estalingrado, apesar das características peculiares dos seus combates de rua, que consagrou o emprego do binário cavalaria-carro e alcançou, novamente, sobre os alemães a vitória perfeita que engaiolou e destruiu o 6.^o Exército de Von Paulus.

E' pena que o segregamento em que a Rússia se tem encastelado, nos tenha privado dos pormenores de que se revestiram

essas brilhantes ações de sua Cavalaria. Do que há transpirado, infere-se que os Soviéticos se impressionaram fundamentalmente com a atuação da Cavalaria americana em uma guerra civil. Como esse emprego se ajustasse à maravilha, à mentalidade turbulenta de seus velhos cossacos, não foi difícil acomodá-lo aos processos táticos, que consolidaram a justa fama da Cavalaria vermelha.

Chegamos, por fim, ao exame do emprego da Cavalaria Sul-americana. Consideramos, apenas, a argentina e a nossa.

A tendência da Cavalaria argentina é para uma organização moderna, elaborada à luz das impressionantes lições da última guerra.

A partir de 1940, após o excelente estudo de um oficial de E.M., professor da Escola Superior Guerra de Buenos Aires, o emprego da Cavalaria de Exército foi encarado sob nova modalidade, influenciado, sem dúvida, pelas lições da primeira guerra mundial e, pelos acontecimentos que se desenvolviam de modo tão marcante, nos teatros de operações europeus.

Foi retirada completamente da cobertura das fronteiras, reagrupada e levada mais para o interior do país.

Não é difícil presumir-se que esteja passando por um reajustamento conveniente e preparando-se seriamente para o desempenho certo de seu papel, no futuro. O que é evidente, é que não se esgotará totalmente nos primeiros choques, ficando destinada ao emprego estratégico que o alto Comando lhe atribua, no seu plano de manobra.

E à nossa Cavalaria? A nossa Cavalaria, já vimos, está longe de refletir em sua feição, o emprego que é de esperar tenha a desempenhar em um futuro conflito.

Sua estrutura, defeituosa e fraca, reflete certa vacilação. Sua situação, após o último conflito mundial, não corresponde por obsoleto, às eventuais operações, em que tome parte como Arma combatente.

Ainda hoje, vêmo-la estendida ao longo das nossas fronteiras, em dispositivo filiforme, sem consistência nem profundidade, como no tempo das campanhas cisplatinas, e fossem os princípios e a mentalidade guerreira daquelas épocas remotas que norteassem a sua utilização. Conservamos, assim, a vetusta paisagem dos destacamentos da LINHA DIVISÓRIA, com insignificantes retoques estilizados à moderna.

Do ponto de vista de um sistema defensivo, mesmo despoído do caráter de agressividade contra qualquer país — vizinho, este, precisa, revestir a forma de uma armadura sólida, consis-

tente e capaz
E' o que o Ge
ra Mundial, ra
querem-se mu
necessários, ma

De qualqu
defeituosa e in
sem perda de t
mistér cogitar
da manutenção
visas e, até, as

Assim, o g
dade em que se
articulado por
sob a orientaça
da Arma, quand

O aparelhan
so e não é com
com a paz univ
país.

Entre nós, é
so e até solcito,
1/6 do seu total,
nos, então, indag
vor de sua segur
sua finalidade pr
suas atribuições,
forço, a fim de q
corresponda a tão

No que conce
tituida nos seus
ponto de vista de

Essas alteraç
em o nosso dispos
vulto. Como são,
não devem ser pro
diatamente, segun
cício financeiro, e
interesses subalter

tente e capaz de durar, enquanto a Nação passa ao pé de guerra. E' o que o Gen. Mordacq dizia, muito antes da Segunda Guerra Mundial, resumido na expressão: "onde há fortificações, querem-se muitos peitos para ocupá-las; onde não existam, são necessários mais peitos, ainda".

De qualquer forma, não devemos insistir em manter a nossa defeituosa e ineficiente trama defensiva. Devemos dela retirar, sem perda de tempo, o grosso da nossa Cavalaria, para a qual é mistér cogitar de emprego mais eficaz e que justifique sua pesada manutenção. E' o que nos aconselha a geografia de nossas divisas e, até, as lições dos episódios de nossa formação histórica.

Assim, o grosso da Cavalaria, salvo da dispersão sem finalidade em que se encontra, seria da maior conveniência reuni-lo, articulado por G.U., em uma região em que pudesse trabalhar sob a orientação direta, seja do Cmt. do C.C., ou do Inspetor da Arma, quando houvesse mais de um Corpo.

IV

O PREPARO PARA A GUERRA

O aparelhamento militar torna-se, dia a dia, mais dispendioso e não é com boa cara que o contribuinte, sempre sonhando com a paz universal, abre a bolsa aos gastos com a defesa do país.

Entre nós, é de justiça declarar-se que ele tem sido generoso e até solcito, pois, os orçamentos têm consagrado de 1/3 a 1/6 do seu total, às despesas com as forças armadas. Cumpre-nos, então, indagar se êsse evidente sacrificio da Nação em favor de sua segurança, é conveniente e estritamente adequado à sua finalidade precípua, cabendo a cada um de nós, na esfera de suas atribuições, impôr um aproveitamento completo desse esforço, a fim de que se obtenha um instrumento de defesa, que corresponda a tão elevado sentido patriótico.

No que concerne à Cavalaria, precisa ser organizada; substituída nos seus encargos atuais; reagrupada e instruída sob o ponto de vista de um emprego lógico.

Essas alterações deverão acarretar sensíveis modificações em o nosso dispositivo, e, em consequência, despesas de grande vulto. Como são, ao mesmo tempo, essenciais e indispensáveis, não devem ser protelados, mas ao contrário, empreendidas imediatamente, segundo um plano de execução, parcelado por exercício financeiro, e que fosse estabelecido sem a influência de interesses subalternos, patrocinados pela má política.

Para que o aparelhamento assim constituído seja eficiente e de manutenção barata, impõe-se que, respeitadas as exigências da Cobertura, haja um reagrupamento geral da tropa, em condições de atender às imposições estratégicas e ao seu preparo profissional, o qual depende de extensos campos de instrução, como primeira necessidade.

E' nucleando a tropa em Centros de treinamento, com instalações e terreno apropriados a exercícios de qualquer envergadura, como fazem os Estados Unidos, em vez de disseminá-la por cidades e aldeias como nós fazemos, obedecendo ao pernicioso critério político do momento, que se pôde constituir e preparar, para as necessidades da guerra, uma força militar à altura de sua missão e responsabilidades.

Pondo de parte o parecer de alguns burocratas, a opinião geral dos estudiosos dos problemas militares, parece que ainda não se fixou definitivamente, a respeito do preparo da nossa Cavalaria. Na verdade, não formámos, por enquanto, uma opinião segura acerca da instrução desta arma, por que continuam acesos os debates suscitados por sua atual situação e nada há oficialmente que trace o rumo certo a essas discussões.

Parece, nada obstante, que deveríamos enfrentar essas questões mais objetivamente.

O tema, pela sua complexidade, apresenta várias faces e estas para serem tratadas e resolvidas, têm de ser repartidas e seriadas, para que possam ser solucionadas segundo uma ordem de preferência prefixada e em tempo oportuno.

O que importa, antes de mais nada, é iniciar a obra, começando pelos pontos que possam ser atacados, quaisquer que sejam as condições financeiras do momento, em curso.

Fixada por prioridade, e a pauta dos trabalhos a empreender, é urgente que os ataquemos com perseverança e sem perda de um dia, porque as tarefas são árduas, pela sua multiplicidade e concomitância. Sem abandonar o que já possuímos de bom e imprimindo uma intensa objetividade às coisas profissionais, encetemos a revitalização da nossa mentalidade, o revigoramento da nossa estrutura essencialmente militar, dando, ao mesmo tempo, mais vivacidade e caráter exclusivamente profissional às nossas atividades.

Resumindo, eis um programa: reacender o espírito militar, reestruturar o aparelhamento bélico, trabalhar.

A primeira parte, é tarefa da Escola Militar, dos Centros de Aperfeiçoamento e da Lei de Promoção, e nada impede que se

principie uma
da ação tutela

Não se po
que o estudo
das as Armas
formação têm
ções cotidianas
tendências pes

Mas é acin
de escól, pelo
afastamento in
manter em niv
ços destinados

Essa exalta
nesses estabele
formação, expr
ser as atrações
que os desfigur

O oficial se
peramento mili
gências humana
vida, as condiçõ
respondam as m
votamento ao d
ele está alegre e
para sua pobrez
enfrenta com de
que o anima é a
quanto maiores

Esse deve se
sentem, nos corp
de responsabilid
rão maiores, por
terrestres, ainda
transportadas pel

Essa prepara
tarde, já como ca
mais estabelecim
profissionais, ma
tuindo ele també

Aí aperfeiçoa
prego de material

princípio uma seleção sincera, inflexível e permanente através da ação tutelar desses institutos.

Não se pode dispensar ao militar a vocação e a mentalidade que o estudo e o trato das coisas militares despertam. Para todas as Armas e, notadamente para a Cavalaria, as escolas de formação têm uma grande influência, por causa das observações cotidianas e da atuação persistente que podem exercer nas tendências pessoais dos jovens candidatos.

Mas é acima de tudo, pela atração inteligente de elementos de escol, pelo fortalecimento da vocação manifestada e pelo afastamento inapelável dos incapazes e frustrados, que se pode manter em nível elevado a imaginação e o entusiasmo dos moços destinados à carreira das Armas.

Essa exaltação vocacional e o exemplo dos que mourejam nesses estabelecimentos, esmaltarão, nos caracteres jovens em formação, expressões tão nítidas e indeléveis, que não hão de ser as atrações materialistas, nem as ideias confusas da época, que os desfigurarão.

O oficial saído dessa fonte virá possuído de um forte temperamento militar. Como homem, ele estará sujeito às contingências humanas: amará o bem-estar material, as facilidades da vida, as condições e o meio em que aos menores esforços, correspondam as melhores vantagens; mas, por educação, pelo devotamento ao dever que o entusiasmo profissional lhe incutiu, ele está alegre e feliz numa má guarnição, não discute nem compara sua pobreza honrada com a vida dos bem aquinhoados e enfrenta com desassombro qualquer situação, porque o espírito que o anima é a consciência de sua vocação que mais se afirma quanto maiores forem as dificuldades a vencer.

Esse deve ser o ânimo com que os jovens oficiais se apresentem, nos corpos: dispostos, vigorosos, ávidos de trabalhos e de responsabilidades. Amanhã, os encargos e as exigências serão maiores, porque além das formações a cavalo e Unidades terrestres, ainda terão de encarar o emprêgo dessas formações transportadas pelo ar, em planadores, do que já se cogita.

Essa preparação exaustiva não está, ainda completa. Mais tarde, já como capitão, deverá voltar à Escola de Cavalaria, não mais estabelecimento isolado dos centros de suas atividades profissionais, mas, anexo a um desses grandes centros, constituindo êle também, elemento ativo de seus trabalhos.

Aí aperfeiçoará seus conhecimentos gerais, examinará o emprêgo de materiais novos, consolidará, enfim, sua aptidão, estu-

dando a fundo os princípios de emprego e os de combinação das Armas.

Um corpo de oficiais assim formado, possuirá a capacidade necessária para reacender a chama das tradições da Cavalaria e reconduzi-la a novos destinos. Quadros com essa tèmpera, serão o fermento capaz de impregnar de entusiasmo a grande massa, que são os nossos Regimentos, imprimindo-lhe novas atividades.

O corpo de tropa é para o cavalarião a insubstituível e melhor de todas as escolas. Além de preservá-lo da tendência à moleza da vida burocrática, é uma fonte de iniciativas, de responsabilidades sempre renovadas, que lhe retém o ânimo, mantendo-o em forma e apto ao desempenho de suas movimentadas funções.

Mas, é preciso que essa massa exista...

Reajustado o critério de aquartelamento da tropa, as pequenas e grandes unidades estarão estacionadas, sem quebra de dependência e laços táticos, em Centros que constituam, por si mesmos, um grande e completo Campo de Instrução, com aparelhamento moderno, até para as mais ousadas experimentações, como são, entre outras, o transporte aéreo da Cavalaria hip e mecanizada.

Os Exércitos, mesmo quando organizados com puras intenções defensivas, devem ser instrumentos de agressividade iminente e capazes de ações ofensivas tão fulminantes e velozes, quanto as do raio.

Sob êsse ângulo, a tropa já organizada segundo o esquêma que esboçamos, estará reunida e articulada sob o cuidado e vigilância permanente de uma direção responsável e atingirá a um teor elevado de homogeneidade, não só quanto ao material do seu equipamento geral, como, notadamente, no que concerne ao padrão da sua instrução e **PREPARAÇÃO PARA A GUERRA**, que é o que mais deve preocupar seus Chefes.

Isso supõe um nível prévio de preparo material. O que significa a escolha de um tipo definitivo de sela regulamentar, que não inutilize uma unidade ao fim de 2 ou 3 dias de marcha; de equipamento para o arriamento e para os homens, que além de comportarem os objetos de uso obrigatório, não se desmanchem com as primeiras intempéries e permitam transportar, com segurança e facilidade, o armamento e a munição; de viaturas apropriadas e rústicas; de cavalos adaptados ao regime militar e bem nutridos. O restante do aparelhamento, tanto o das grandes como o das pequenas unidades, deve responder aos mesmos

questos de u
região, onde s

Todo esse
mentado por
responsabilida
ao padrão, ma
cebimento. A
qualitativo, pa
ção que não te

Para dar e
ta, apenas, ref
A nossa consc
Hermes e posta

Em alguns
sistema. Devia
principalmente
duração do serv
ral, variaria po
ano, o serviço
jam os sem esp

O recrutam
mente, nas zona
vessem habituac
mais absurdo, n
montadas, empre
profissionais, de
armas.

De outro la
tenção eficiente
toda, nos Estad
Rio Grande do S
mento e prepara
e à criação do ca
cia, e cujo desap
evidente, gradua

Esboçados o
urgente fixá-los
e puramente, cor
à segurança do P

quesitos de uniformidade e de qualidade, qualquer que seja a região, onde seja utilizado.

Todo esse material deve ser estudado, projetado e experimentado por oficiais das armas interessadas, a fim de que sua responsabilidade profissional fique empenhada, não só quanto ao padrão, mas, igualmente, no que se refere a confecção e recebimento. A tropa receberá assim um material de alto teor qualitativo, para que se exija uma conservação rigorosa e duração que não tenha outro limite, senão o de servibilidade.

V

CONCLUSÃO

Para dar expressão ao quadro que procuramos esboçar, falta, apenas, referirmo-nos ao seu elemento principal: o homem. A nossa conscrição foi instituída pela Organização Marechal Hermes e posta em execução há precisamente trinta anos.

Em alguns pontos ela ainda é falha. Falta flexibilidade ao sistema. Devia comportar a consideração dos casos variáveis principalmente no tempo de duração do serviço. A fixação da duração do serviço, que devia ser de 18 meses, de um modo geral, variaria por critério do E.M.E., podendo reduzir-se a um ano, o serviço de determinada espécie, de conscritos, como sejam os sem especialidade, nem graduação.

O recrutamento para a Cavalaria devia ser feito, exclusivamente, nas zonas rurais e em lugares em que os rapazes já estivessem habituados, desde pequenos, ao trato dos animais. Nada mais absurdo, nem menos frutuoso, de que trazer para as armas montadas, empregados em estrada de ferro, portuários e outros profissionais, de hábitos e tendências opostos à rotina dessas armas.

De outro lado, para facilitar o recrutamento e uma manutenção eficiente, é aconselhável que a Cavalaria exista quase toda, nos Estados de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde sobram regiões próprias ao seu treinamento e preparação. Condição indispensável à sua existência e à criação do cavalo, que, afinal, é ainda sua principal substância, e cujo desaparecimento em nosso país, é lamentavelmente evidente, gradual e progressivo.

Esboçados os índice de travejamento dessa organização, é urgente fixá-los em um plano criterioso que tenha em vista, só e puramente, construir um instrumento eficiente e apropriado à segurança do País.

Se, por desventura, nenhuma modificação fôr introduzida nas peças e entrosamento da complexa máquina, que é uma Cavalaria moderna, ainda assim, seus Quadros devem permanecer fiéis e ter fé nos seus esforços, que não serão perdidos.

Embora se apregõe levemente que a Cavalaria pura é uma Arma cara, como se porventura as outras não o fossem igualmente, ela deve ser mantida, pois há ainda muitos cenários em que será chamada a cumprir suas missões.

A Rússia, a despeito da abundância excepcional de combustíveis e da sua mecanização em massa, não a abandonou e na hora da crise, de verdadeira angústia nacional, ela saiu a campo para desempenhar, no quadro de suas velhas tradições, o papel que lhe foi destinado, em um emprego certo e oportuno. Ficou, assim, confirmada a necessidade de sua conservação, em alto teor de preparação e em condições de agir, chegado o momento.

Nessa preparação objetiva consiste tudo; nela repousa o êxito dos objetivos planejados. Mas, em última análise, é na confiança que os seus Quadros depositam em si mesmos, e na concepção ousada e refletida de suas ações, que descansa o ser ou não ser de sua permanência, como Arma combatente.

Se a enxamearmos de oficiais entusiastas, com o espírito exaltado pela beleza e ousadia de suas missões; de cavalarianos vigorosos que amam o galope em terreno variado, ou que conduzam com vigor sua tropa aos exercícios de envergadura, então, ela subsistirá à crise e se imporá.

Ao contrário, se a enchermos de homens apáticos, eternos aspirantes aos cargos burocráticos ou técnicos, ou ainda, dos que se preocupam mais com as suas atividades subsidiárias, em lugar das essenciais, nesse caso não precisará sequer ato oficial para extinguir, porque por si mesmo, desaparecerá.

Manda a verdade que reconheçamos e proclamemos a existência dessas duas categorias de profissionais. Uma, mais operante, mais enérgica e verdadeiramente amiga de sua Arma, está em condições de compreender o renovamento que ela necessita, caso lhe oferecemos as ensanchas indispensáveis e a resguardássemos do contágio perturbador da fração indiferente ou falha. A outra, composta de elementos sem vocação, alguns até inadaptados ao meio, precisa ser afastada, para não comprometer a ação dos que trabalham nem retardar o seu acesso.

Ai estão idéias na verdade, um tanto chocantes e estranhas aos nossos hábitos condescendentes, mas, que precisam ser encaradas com seriedade, si porventura, aspiramos a uma organização bem tramada e eficiente. Em questões dessa monta não

podem haver
mais prejudic

Completar
tério e cuidad
preparo dos sa
desses gradua
pelos oficiais.

Contudo,
te durante a fo
feioamento d
pressa pela açã

Não se p
COMPLEXO,
pecial à ossatur
boa parte, influ

A transitor
Exército, assim
regulá-la, devia
vido à sua inep
te de escól, ser
o curso normal
pecial da Escol
promoção até c
te na tropa.

Seria um m
excelentes auxili
existente, com a
tamento e seleçã

Resumamos
nossa cavalaria
sua mobilidade,

- a) — Armas
- b) — apôio
- c) — meios
mais e
- d) — formaç
lhor c
- e) — maior
- f) — serviço
- g) — reforço
para at

podem haver meias medidas, pois, é sabido, "elas são sempre mais prejudiciais do que úteis.

Completando a obra dessa trama, urdida com o maior, critério e cuidado, não podemos deixar à margem a formação e preparo dos sargentos. Em grande parte, o nível de preparação desses graduados depende do exemplo e do espírito revelados pelos oficiais.

Contudo, essa atuação direta, exercida mais acentuadamente durante a formação, não dispensa o interesse que o seu aperfeiçoamento deve merecer, dado a influência permanente impressa pela ação desses graduados, no interior das casernas.

Não se pode pensar na constituição de um SISTEMA COMPLEXO, como é um Corpo de Tropa, sem dar atenção especial à ossatura que lhe dá feição peculiar e permanente, e, em boa parte, influi nas suas funções normais.

A transitoriedade ou permanência desses graduados no Exército, assim como o conjunto de garantias e obrigações para regulá-la, devia ser estabelecido em um estatuto particular, devido à sua inegável importância. Aos elementos provavelmente de escol, sem discriminação de posto seria permitida, após o curso normal de aperfeiçoamento, a frequência em curso especial da Escola Militar ou de Cavalaria, que lhes garantisse a promoção até capitão, com exercício em funções exclusivamente na tropa.

Seria um meio prático para recompensar e estimular esses excelentes auxiliares, fixando-os num quadro semelhante ao já existente, com a vantagem de estabelecer um regime de recrutamento e seleção, que não existe.

Resumamos o que havemos dito, reclamando que o que a nossa cavalaria precisa é de maior potência, sem prejuízo de sua mobilidade, proporcionando-se-lhe :

- a) — Armas de ataque e defesa mais potentes;
- b) — apóio de fogos mais poderosos;
- c) — meios de transmissão mais copiosos, mais rápidos e mais eficientes;
- d) — formações de sapadores mais bem aparelhadas e melhor constituídas;
- e) — maior flexibilidade em suas formações;
- f) — serviços motorizados;
- g) — reforço para sua ação com elementos mecânicos, seja para atuarem combinados, ou isoladamente.

Agora resta-nos, ou vêr nossa Cavalaria reestruturada, reunida e preparada conforme as necessidades de nossa estratégia e compromissos internacionais, ou testemunhar, inibidos de opinar, o reinício interminável de debates inoperantes, que se eternizarão, caso não surja para o problema outra solução mais inteligente e mais fecunda.

Para nós, ficará a esperança de vê-lo resolvido brevemente nesses moldes e a certeza de que nossa contribuição não terá tido outro mérito, senão o de provocar, a seu respeito, a formação de uma opinião.

Seguimos modestamente o conselho de James Mackenzie: — "Alguém tem de realizar a tarefa obscura, mas necessária, de colocar os alicerces; e si essa missão tocar por sorte a algum de nós, devemos dar-nos por satisfeitos, com saber que estamos desempenhando um papel imprescindível num grande empreendimento".

Banco do Brasil S. A.

1808 1947

Sede — Rua 1.º de Março, n.º 66, — Ria de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos

Depósitos sem limite	2% a.a.
Depósitos populares (limite de Cr\$ 10.000,00)	4 1/2% "
{ (limite de Cr\$ 50.000,00)	4% "
Depósitos limitados {	
{ (limite de Cr\$ 100.000,00)	3% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 "	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2% "
Por 12 "	4 1/2% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 1/2% "
60 "	4% "
90 "	4 1/2% "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, à Rua 1.º de Março, n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Mariz e Barros, 44 — **Botafogo** (em instalação) Rua Voluntários da Pátria, 449 — **Campo Grande**, Rua Campo Grande, n.º 100 — **Copacabana** (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1.292 — **Glória**, Praça Duque de Caxias, n.º 23 — **Madureira**, Rua Carvalho de Souza, n.º 299 — **Méier**, Av. Amaro Cavalcanti, n.º 95 — **Ramos**, Rua Leopoldina Rego, n.º 78 — **Saúde**, Rua Livramento, n.º 63 — **Tiradentes**, Rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 — **São Cristóvão**, Rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) **Tijuca**, (em instalação) Rua Desembargador Isidro, 4 e **Vila Isabel**, Avenida 28 de Setembro n.º 412.

OR. I

O C

Uma vez
des do combate

— De
— De
— Po

Vamos pro
tratarmos das
mentos retrógr
No decurs
menor, o emprê

— Bar
— Cor
— Cor
— Ele
— Ele
— Des

CARTA

São Pa
São Pa

O rio Grand
Vermelho (do N
Os Vermelho
de fronteiras, na f